



A Estereotipagem da “Diferença” Quando o Espetáculo é o Outro: Uma Análise das Representações Midiáticas de Pablo Vittar¹

Caroline Roveda Pilger²

UFRGS

Resumo

Esse artigo tem o intuito de problematizar as representações da “diferença” e o processo de estereotipagem e consumo da figura de Pablo Vittar na mídia, focando o olhar para o vídeo em que supostamente a *drag queen* e cantora teria mostrado suas partes íntimas e que gerou grande repercussão midiática. Nesse sentido, a análise terá como subsídio o programa *A tarde é sua*, da Rede TV, apresentado pela jornalista Sônia Abrão, e veiculado no dia 19 de fevereiro, ocasião em que esse vídeo foi comentado por ela e por outros participantes do programa. Além disso, o artigo também tem como objetivo a análise de algumas postagens do *Instagram* de Pablo Vittar e os comentários tecidos nas mesmas, pensando a respeito do lugar que Vittar ocupa na fronteira entre o feminino e o masculino. Este artigo terá como base teórica principal as reflexões desenvolvidas por Stuart Hall (2016) sobre representação, “diferença” e estereotipagem e as reflexões oriundas da teoria *queer* (LOURO, 2001, 2004).

Palavras-chave: Pablo Vittar; Estereotipagem; “Diferença”; Teoria *queer*; Representação;

Iniciando as Reflexões

“Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina”.
(LOURO, 2004, p.8)

Pablo Vittar é *queer*. A cantora e *drag queen* é a personificação do significado complexo, contraditório e paradoxal trazido por Louro na epígrafe: ela perturba, mas fascina, ela provoca e é rejeitada, ela é consumida, celebrada e atacada. Tudo ao mesmo tempo e com a mesma intensidade. Nesse sentido, o fenômeno Pablo Vittar chama atenção pelo seu caráter ambíguo e contraditório em uma sociedade que aplica a lógica mercadológica também ao discurso da diversidade e da diferença. Desde o seu surgimento midiático nas redes sociais, em 2015, até a sua consagração e estouro no ano de 2017 com o lançamento de seu álbum *Vai passar mal*, a cantora, de 23 anos, não desaparece do mercado da mídia. A lista de conquistas inclui, entre outras coisas: parcerias com outros cantores e artistas como Anitta, Major Lazer, Simone e Simaria, Lucas Lucco, Daniela Mercury, entre outros; a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 9- Comunicação, Discursos da Diferença e Biopolíticas do Consumo, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS e bolsista Capes. Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale com bolsa Capes/Fapergs (2015). Jornalista. E-mail: carolpilger@gmail.com.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

aparição em diversos programas de TV e capas de revistas, como a *Rolling Stone* e *Marie Claire*; o lançamento do clipe da música *Sua Cara*, parceria com Anitta, atingiu, em apenas cinco horas, a marca de 1 milhão de *likes*, tonando-se o vídeo que mais rapidamente atingiu essa marca no Youtube³; se apresentou no festival *Rock in Rio* ao lado da cantora Fergie; conquistou o troféu de Música do Ano do programa do Faustão com a canção *K.O.*⁴; recentemente, no ano de 2018, ganhou na votação do Coca-cola #Fanfeat⁵ juntamente com Luan Santana e Simone e Simaria, os três irão gravar juntos uma música; e irá apresentar um programa no canal de música Multishow⁶.

A mesma mídia e sociedade que celebra e consome Pablio Vittar também o ataca incessantemente, praticando uma violência simbólica. Nesse sentido, meu interesse recai sobre essas práticas de consumo ora de celebração, ora discriminatórias, principalmente no que diz respeito aos ataques destinados à Pablio Vittar e que se orientam por uma prática de estereotipagem, que reduz, naturaliza e essencializa a diferença que ela representa (HALL 2016), e, mais particularmente, sobre o aspecto do *fetichismo* que é expressado nessas práticas. Portanto, esse artigo tem o intuito de problematizar as representações da “diferença” e o processo de estereotipagem da figura de Pablio Vittar na mídia, focando o olhar para o consumo e disseminação do vídeo de um excerto de um show em que supostamente a cantora teria mostrado suas partes íntimas e que gerou grande repercussão midiática.

Nesse sentido, a análise terá como subsídio o programa *A tarde é sua*, da Rede TV, apresentado pela jornalista Sônia Abrão, e veiculado no dia 19 de fevereiro, ocasião em que esse vídeo foi comentado por ela e por outros participantes do programa. Além disso, o artigo também tem como objeto empírico de análise algumas postagens do *Instagram* de Pablio Vittar e os comentários tecidos nas mesmas, quando será problematizada essa transitoriedade entre o feminino e o masculino e a fronteira entre os gêneros e as sexualidades habitada pela artista (LOURO, 2001). Este artigo terá como base teórica principal as reflexões desenvolvidas por Stuart Hall (2016) sobre estereotipagem, representação e “diferença” e as reflexões oriundas da teoria *queer* (LOURO, 2001, 2004).

³ Informação disponível em: <<http://billboard.uol.com.br/noticias/anitta-e-pablio-vittar-batem-recorde-de-likes-com-major-lazer-no-youtube>>. Acesso em: 3 mar. 2018.

⁴ Informação disponível em: <<https://gshow.globo.com/programas/domingao-do-faustao/melhores-do-ano/2017/noticia/pablio-vittar-comemora-premio-de-musica-do-ano-esse-trofeu-tem-o-peso-da-diversidade.ghtml>>. Acesso em: 3 mar. 2018.

⁵ Informação disponível em: <<https://www.cocacolafm.com.br/apuracao-de-votos.htm>>. Acesso em: 3 mar. 2018.

⁶ Informação disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Cultura/noticia/2017/10/pablio-vittar-confirma-programa-no-multishow-em-2018.html>>. Acesso em: 3 mar. 2018.



O Espetáculo da “Diferença” e o Processo de Estereotipagem

Como representamos as pessoas e os lugares que são significativamente diferentes de nós? Por que a “diferença”, sendo um tema tão atraente, é uma área da representação tão contestada? Qual é o fascínio secreto da alteridade e por que a representação popular é normalmente tão atraída por ela? (HALL, 2016, p.139)

A estereotipagem é um conceito importante para a reflexão e problematização da “diferença” e enquanto prática de produção de significados para a representação da mesma. Segundo Hall (2016, p. 173), “estereotipado” significa “reduzido a alguns fundamentos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadas”. Esse conceito, por sua vez, nos leva para a reflexão sobre a “naturalização” que é, também, uma prática da representação que tem o intuito, justamente, de “fixar a ‘diferença’ e, assim, ancorá-la para sempre” (HALL, 2016, p. 171, grifo do autor). Portanto, a estratégia da naturalização é tentar impedir o inelutável “deslizar’ do significado para assegurar o ‘fechamento’ discursivo o ideológico” (ibidem). De uma forma geral, a estereotipagem, conforme explica Hall (2016, p. 190), produz efeitos essencializadores, reducionistas e naturalizadores, que têm o objetivo de restringir os indivíduos a poucas características simplistas e essenciais, que são “representadas fixas por natureza”.

Para entender o processo de estereotipagem, é preciso que se compreenda o que é um estereótipo e como ele funciona. Hall (2016, p. 19) traz a reflexão desenvolvida por Richard Dyer (1997) em seu ensaio “Stereotyping”, que define a diferença entre “tipificação e estereotipagem”. Segundo Hall (2016, p. 191), Dyer alega que seria complicado, ou se não impossível, extrair algum sentido do mundo sem o uso de “tipos”. Dessa maneira, “um *tipo* é qualquer caracterização simples, vívida, memorável, facilmente compreendida e amplamente reconhecida, na qual alguns traços são promovidos e a mudança ou o ‘desenvolvimento’ é mantido em seu valor mínimo” (DYER, 1977, p. 28 apud HALL, 2016, p. 191). Diferentemente dos *tipos*, um *estereótipo*, vai, então, se *apossar* dessas poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre um indivíduo e vai reduzir a pessoa somente a esses traços, que posteriormente serão “exagerados e simplificados” (HALL, 2016, p. 191).

As Caracterizações da Estereotipagem

Hall (2016, p. 190, grifo nosso) estabelece, além das caracterizações acima descritas do processo de estereotipagem, mais quatro aspectos adicionais que definem a prática: “(a) a construção da “alteridade” e exclusão; (b) estereótipos e poder; (c) o papel da fantasia; e (d) o fetichismo”.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Quanto à construção da alteridade e o processo de exclusão, a estereotipagem tem como característica o *fechamento* simbólico, quando *fixa* os limites aceitáveis e exclui tudo o que não lhe pertence, ou seja, ela é parte de uma espécie de “manutenção da ordem social e simbólica” pois cria uma demarcação simbólica entre “nós e eles”, entre o “normal” e o “pervertido”, “normal” e o “patológico”, “pertencente” e “não pertencente”, entre outros (HALL, 2016, p. 192).

Outro aspecto relevante da estereotipagem é sua relação com o poder. No que diz respeito a isso, Hall esclarece que a construção dos estereótipos tende a ocorrer onde “*existem enormes desigualdade de poder*” (HALL, 2016, p. 192, grifo do autor). Argumenta Hall, baseado em Derrida, que a estereotipagem, nesse sentido, é dirigida e praticada com base na subordinação de um grupo e sua consequente exclusão, sendo um de seus aspectos o *etnocentrismo*, lembrando que entre as oposições binárias como o “nós e eles” nunca há uma relação horizontal, pacífica, mas sim o estabelecimento de uma hierarquia conflituosa e, por vezes, violenta, quando um dos polos “governa” o outro ou possui “primazia” (ibidem).

De uma forma geral, na estereotipagem há uma intensa conexão entre representação, “diferença” e poder. É imprescindível problematizar a natureza do poder, pois ele não está limitado às coerções físicas diretas ou restrições, mas, principalmente, na construção da representação, quando age como *poder de marcar, classificar, atribuir significado, expulsar*. Por fim, lembra Hall (2016), também é preciso considerar que o poder não apenas restringe e inibe, mas produz novos discursos, formas e objetos de conhecimento, desenvolve novas práticas e instituições.

No tocante à relação entre estereotipagem e fantasia, Hall reflete sobre a importância de perceber que os estereótipos remetem tanto à imaginação e ao que é fantasiado, quanto ao que é percebido como “real”, sendo, portanto, as “reproduções visuais das práticas de representação” somente metade do aspecto de sua constituição. “A outra metade – o significado mais profundo – encontra-se *no que não está sendo dito, mas está sendo fantasiado, o que está implícito, mas não pode ser mostrado*” (HALL, 2016, p. 200, grifo do autor). Com a base apoiada em “*fantasia e projeção*” introduz-se um enfoque sexual no processo de estereotipagem que nos leva para outros aspectos, que são os seus efeitos de “*divisão e ambivalência*” (ibidem). Hall nos lembra da obra de Edward Said, *Orientalismo*, para refletir sobre a importância da fantasia e das projeções na construção do estereótipo do Oriental pelo Ocidental. Hall (2016, p. 200) argumenta que Said observou que um conceito geral sobre o que era ou quem era um “Oriental” surgiu não apenas por uma “realidade empírica”, mas,



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

principalmente, pela imaginação que foi abastecida por uma “lista de desejos, repressões, investimentos e projeções” (SAID, 1978, p. 8 apud HALL, 2016, p. 200). Essas, entre outras questões, segundo Hall (2016), nos orientam para outra prática representacional da estereotipagem, denominada como *fetichismo*.

A prática do *fetichismo*, de acordo com Hall (2016, p. 206), nos guia para o “reino onde a fantasia intervém na representação”, quando o que está evidenciado ou visto na representação só pode ser entendido em relação ao que não pode ser mostrado ou visto, ou seja, no que permanece no nível da fantasia. Nesse sentido, o exercício do *fetichismo* abarca “substituir por um ‘objeto’ uma força perigosa e poderosa, mas proibida” (HALL, 2016, p. 206).

Outro aspecto importante que envolve o *fetichismo* é o processo de rejeição. Essa estratégia é extremamente relevante para a prática e é o meio encontrado para que um “poderoso fascínio”, ou um desejo, seja satisfeito e ao mesmo tempo negado. Além disso, a prática também diz respeito ao deslocamento na representação de algo que é considerado tabu (HALL, 2016, p. 207).

Por fim, Hall (2016, p. 211) se pergunta se esses regimes dominantes de representação podem ser, de fato, desafiados, modificados ou contestados, e quais as estratégias possíveis para tentar subverter o processo de representação, transformando as formas negativas, em positivas. Entre as diferentes estratégias de transcodificação estão as inversões dos estereótipos de imagens negativas em imagens positivas, conforme dito, e o respeito às diversidades e pluralidades da “diferença”. Essa substituição visa, então, dominar a representação popular com imagens positivas e de celebração de determinada identidade que vinha até então sendo estigmatizada e excluída. Dessa forma, ela inverte a antiga oposição binária e privilegia o termo dominado ou subordinado, tentando estabelecer uma identificação positiva daquilo que, até então, vinha sendo visto como “abjeto”. Ou seja, tem o intuito de expandir e complexificar a gama de representações da alteridade e da “diferença”, desafiando, assim, as formas redutoras, essencializadoras e naturalizadoras dos estereótipos anteriores. No tocante a esse ponto, é justamente essa, entre outras questões, o que procura a teoria *queer*.

Um Olhar Necessário Para a Teoria *Queer*

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer, é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” muito menos “tolerado”. (LOURO, 2004, p. 7)

Para compreendermos o lugar cultural e social que ocupa uma artista como Pabllo Vittar, são extremamente necessários o percurso e a reflexão sobre a teoria *queer*. Ela nos dará a base para que



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

possamos problematizar, também, o processo de estereotipagem nas representações da “diferença” (HALL, 2016) quando focarmos no conjunto de artefatos de consumo midiáticos escolhidos que se valem da imagem da cantora e *drag queen*.

Conforme lembra Louro (2004), historicamente, e de forma ainda relevante hoje, a demarcação dos lugares e posições sociais dos sujeitos dentro de um grupo é reportada a seus corpos. Entre a determinação de tantas marcas, estabelecidas ao longo dos séculos, a maior parte das sociedades designou a “divisão masculino/feminino” como uma separação primordial, que serviu (e serve) como base para a compreensão da cultura de um modo geral e é compreendida como a divisão “primeira, originária ou essencial e, quase sempre, relacionada ao corpo” (LOURO, 2004, p. 76).

Ao longo dos dois últimos séculos, a sexualidade firmou-se como objeto notável e privilegiado do olhar de “cientistas, religiosos, psiquiatras, antropólogos, educadores, passando a se constituir, efetivamente, numa ‘questão’” (LOURO, 2001, p. 541). Desde que os holofotes estão apontados para ela, os discursos sobre a sexualidade ganharam espaço, quando ela vem sendo, incessantemente, explicada, compreendida, descrita, regulada, educada, normatizada, saneada, por diversas áreas do conhecimento e perspectivas. Segundo Louro (2001, p. 541), além das instituições tradicionais, constituídas pelo Estado, igrejas e ciência, atualmente outras instâncias e grupos organizados pleiteiam, sobre a sexualidade, “suas verdades e sua ética”. Aqui podemos pensar sobre os diversos espaços midiáticos e comunicacionais, como o jornalismo, a publicidade, os programas de entretenimento, entre outros. Conforme alerta Louro, baseando-se no pensamento de Michel Foucault, na contemporaneidade crescem e disseminam-se cada dia mais os discursos sobre o sexo, quando as sociedades “continuam produzindo, avidamente, um ‘saber sobre o prazer’ ao mesmo tempo que experimentam o ‘prazer de saber’” (ibidem).

Novamente pensando nos artefatos de consumo midiáticos e sua relevância no que diz respeito à visibilidade, Louro (2001) afirma que hoje⁷ as denominadas “minorias” sexuais estão muito mais visíveis, e com este fenômeno também crescem e tornam-se mais explícitas e acirradas as lutas entre a

⁷ Devemos levar em consideração o ano de publicação do texto de Louro, 2001, para refletir sobre a visibilidade das identidades LGBTQ, por exemplo, que atualmente, em 2018, provavelmente está relevantemente maior do que em 2001. O próprio surgimento e ascensão de artistas como Pabllo Vittar, entre outros, demonstra isso.



comunidade LGBTQ⁸, por exemplo, e os grupos conservadores, recorrentemente liderados pelo discurso religioso.

Uma questão importante trazida por Louro (2001) é que a visibilidade dessas identidades, até então marginalizadas, silenciadas e estigmatizadas, pode ter efeitos contraditórios quando, por um lado, determinadas esferas sociais começam a demonstrar uma progressiva aceitação da diversidade e pluralidade sexual, bem como passam a consumir seus produtos culturais, como no caso do objeto empírico desse estudo, a cantora e *drag* Pablllo Vittar; por outro lado, instâncias tradicionais atualizam e aumentam seus ataques, “realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física” (LOURO, 2001, p. 542).

Louro alerta que o grande desafio quando refletimos sobre as posições de gênero e sexuais é que elas se complexificaram e multiplicaram, não sendo mais possível analisá-las ou compreendê-las através de esquemas binários, pois elas estão em constante transformação e instabilidade. O principal, para autora, é “admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (LOURO, 2001, p. 542). Nesse sentido, em um dado momento, a política de identidade homossexual começou a revelar suas fragilidades e a se mostrar insuficiente para a reflexão da diversidade de identidades e sujeitos que, de certa forma, não cabiam nas dicotomias existentes entre “gay/hétero” ou “masculino/feminino”. É neste momento que surge a teoria *queer* e suas proposições “pós-identitárias” (LOURO, 2001, p. 546).

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homofóbicos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2001, p. 546).

⁸ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros e, atualmente, inseriu-se o Q de “queer” para incluir todas as demais identidades que não se identificam com algumas dessas determinações ou que se identificam com mais de uma, ou com nenhuma.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Louro (2001, p. 549) lembra que Butler, assim como demais teóricos *queer*, focalizam sua crítica para a oposição heterossexual/homossexual, argumentando que os discursos nunca escapam da referência à heterossexualidade como norma, até mesmo naqueles que pretendem defender a homossexualidade ou a integração dos/as homossexuais ou na reivindicação de uma comunidade em separado, ou seja, tanto “para considerar a sexualidade como originariamente ‘natural’ ou para considerá-la como socialmente construída, esses discursos não escapam” da heteronormatividade.

A Estereotipagem da “Diferença” nas Representações de Pablo Vittar



Iniciamos esta seção de análise com uma montagem que apresenta a compilação de algumas matérias sobre a disseminação e repercussão de um vídeo⁹ de um show de Pablo Vittar no período de carnaval do ano de 2018, em que, supostamente, a cantora e *drag queen* teria mostrado suas partes íntimas, mas especificamente seus testículos, em uma momento da coreografia em que se vira de costas para o público e rebola, dança que costuma ser realizada na maioria de seus shows. O vídeo da cena específica comentada, que tem a duração de aproximadamente 15 segundos, não evidencia, em momento algum, as partes íntimas da cantora, o que aparece, efetivamente, são suas nádegas e sua calcinha, fio dental, da cor nude. Porém, o que interessa nesse fenômeno não é se realmente as partes íntimas de Vittar aparecem ou não, mas sim, a representação estereotipada da “diferença” e o

⁹ Para conferência, se necessário, vídeo disponível aqui: < <https://www.youtube.com/watch?v=4w0Y4dgifen4>>. Acesso em: 5 mar. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

espetáculo desse “Outro” (HALL, 2016) que se criou em torno de um olhar excessivo para a genitália da *drag queen*, entre outras questões pertinentes.

A repercussão também foi relevante no *youtube*, quando em pesquisa realizada, colocando apenas o nome “Pablo Vittar” no canal de vídeos, parte das primeiras postagens referentes à artista dizem respeito a esse acontecimento, como observamos na imagem abaixo.



É impressionante o interesse específico nas partes íntimas da cantora e *drag queen*, bem como na exploração e consumo midiático do vídeo. Um exemplo disso foi o programa de entretenimento *A Tarde é sua*, da RedeTV, apresentado pela jornalista Sônia Abrão. No dia 19 de fevereiro, o programa dedicou cerca de nove minutos ao caso do vídeo de Pablo Vittar e a discussão sobre a suposta aparição das partes íntimas da cantora em um espaço determinado para as “fofocas” sobre as celebridades denominado de *Bafões do Felipe*¹⁰, conforme figura abaixo.



BAFÕES DO FELIPEH: Pablo Vittar mostra demias durante show

Compartilhar

¹⁰ Vídeo disponível em: <<http://www.redetv.uol.com.br/atardeesua/videos/ultimos-programas/bafoes-do-felipeh-pablo-vittar-mostra-demaiss-durante-show>>. Acesso em: 5 mar. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Entre os tantos comentários tecidos por Felipeh, Sônia Abrão e os demais participantes do programa sobre o vídeo, destacamos os seguintes:

Felipeh: “Este final de semana foi para lá de sensual, tantas coisas vazaram na internet. Pabblo Vittar também deixou vazar. Eu olhei tanto, fui analisar tanto que eu até levei uma bolada na testa”.

Sônia: “Gente, ele não tava nem de fio dental né? Não tava!”

Felipeh: “Não tava... ele simplesmente jogou na cara”.

Outros participantes: “Ah, tinha uma tanguinha ali... nude.”

Sônia: “Ah tá, tinha uma tanguinha... mas não foi suficiente porque ele tem, como chama... tem volume, tem “acessórios”, tem “penduricalhos”, como eles falam.. E não é a primeira vez heim! Que essa vez foi mais “explicito” mesmo. Na semana passada ou retrasada já tinha um, só que ele tava de shortinho”.

Felipeh: “Olha ali... não tá nem aí, colocou, como que é mesmo, a vitrola né? Ah radiola, colocou a “radiola”.

Outro participante: “Mas todo mundo não sabe que tem a “radiola”? Porque ele é menino né?”

Felipeh: “Todo mundo sabe, mas também, não precisa mostrar né?”

Outro participante: “É que escapa ué!!”

Nesse sentido, a fantasia, quando todos imaginam o que pode ter ou não por baixo da saia de Vittar, e, conseqüentemente, o fetiche, quando não conseguem parar de olhar, tem um papel importante na representação da diferença e estereotipagem de Pabblo Vittar, quando as pessoas demonstram em seus comentários extremo desconforto com o corpo da artista e, especialmente, com seus testículos, porém, ao mesmo tempo, demonstram fascínio e curiosidade, dedicando um olhar excessivo para a imagem, quando o próprio apresentador diz “*Olhei tanto, analisei tanto*”. Outra questão importante é o fato de que o foco de todas as matérias, vídeos, comentários e programas de TV que tratavam da artista neste período terem sido para as suas genitálias, também expressa o exercício da estereotipagem quando há a redução, essencialismo e naturalização da “diferença” na hora de representar Vittar, que se transforma em apenas uma parte de seu corpo: seus testículos. Pabblo Vittar é, nesse sentido, somente o que possui entre as pernas.

Hall (2016) cita o caso da “Vênus Hotentote” em seu texto, quando os pesquisadores fixavam o olhar para a genitália e nádegas da negra com objetivos “científicos”, que permitiam a eles “continuarem olhando” enquanto negavam a natureza sexual de seu olhar. Ou seja, eles utilizavam a ciência como um “disfarce” para a “rejeição”, que por sua vez permite a busca desse desejo ilícito. Como no caso de Pabblo Vittar, ao mesmo tempo em que fixam os olhares procurando encontrar a genitália da artista, negam, dizendo, inclusive, que esse tipo de imagem e comentário não poderia ser feito naquele horário do programa (durante a tarde), e disfarçam seus interesses e comentários por trás



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

de uma “análise profissional” do que seria “bom ou ruim” para a carreira da artista com esse tipo de exposição, lembrando aqui a “história fabricada” ou o “disfarce” mencionado por Hall (2016). Bem como dizendo que todo mundo sabe que a artista possui um pênis e testículos, mas que “não precisa mostrar”, deslocando, assim, para um discurso moralista, enquanto “Aquilo que é afirmado como diferente, horrível, ‘primitivo’ e deformado está sendo, ao mesmo tempo, obsessivamente desfrutado e apreciado de forma detida *porque é estranho, exótico e ‘díspar’*” (HALL, 2016, p. 209).

O mesmo ocorre nas imagens do *Instagram*¹¹ de Pablllo Vittar. As postagens da artista costumam gerar, recorrentemente, em torno de três a cinco mil comentários, em cada imagem, que oscilam entre a celebração, admiração e amor dos fãs à artista e comentários de ataque, muitos deles com extremo preconceito e violência, bem como desconforto, choque, repulsa, e dúvidas a respeito da identidade de gênero e sexual de Vittar. Na imagem abaixo, podemos observar que o primeiro comentário tecido é um questionamento a respeito do gênero da artista, quando o usuário pergunta “Mulher sem peito?”, ao mesmo tempo que o último diz “Homão da Poha”, em outro momento, comentários como “onde esconde as bolas” também são destinados às imagens da artista. Aqui fica claro esse “não lugar” que Pablllo habita, este permanecer na fronteira (LOURO, 2001), bem como o excessivo olhar para partes que são objetalizadas, fragmentadas e sexualizadas em seu corpo, característica importante no aspecto do fetichismo e na produção do estereótipo e demarcação da “diferença” (HALL, 2016).



¹¹ Pablllo Vittar possui mais de seis milhões de seguidores no aplicativo.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Hall (2016) lembra que Mary Douglas comenta que o perigo está quando as coisas não conseguem ser encaixadas em um único lugar, em um espaço culturalmente, historicamente e socialmente aceito e fixo para determina identidade. Segundo Hall, a autora afirma que um grupo ou uma identidade que flutua ambigualmente em uma zona que é híbrida, intermediária e instável é tida como perigosa, pois não é uma coisa, nem outra. Essa “diferença” é então excluída e marginalizada pelo processo de estereotipagem. É o caso de Pablio Vittar. A cantora e *drag queen* flutua pelos gêneros masculino e feminino e não é alguém que possa ser determinado pelas culturas estáveis, que exigem, recorrentemente, que as coisas “não saiam de seus lugares designados”. Ou seja, ou ele deve ser homem ou mulher, ou é gay ou não é. O choque e inquietação se dá até mesmo pela dúvida em como se referir a Pablio Vittar, se como “ele” ou como “ela”? Mas Pablio é os dois. Recorrentemente em seu *Instagram* é possível observar essa aflição das pessoas em querer defini-lo e encaixa-lo nas categorias pré-existentes, como visto acima, e como pode ser percebido nestas outras postagens, apresentadas abaixo, quando na primeira alguém pergunta se é “homem ou mulher”, depois alguém responde afirmando ser um “homem”, outro diz ser um “traveção”. Na postagem seguinte, entre comentários positivos como “maravilhosa”, está um comentário dizendo “vergonha para o Brasil” e outro afirmando que a cantora “acha que é mulher”.



Louro (2004, p. 80) lembra que não podemos “ler” a sexualidade e os gêneros com base, simplesmente, nos “dados” dos corpos, como a falta de um peito ou a presença de um pênis. Precisamos pensar essas dimensões como sendo inscritas discursivamente nos corpos, transformando-os culturalmente e historicamente. Claro que com isso a autora não pretende negar a “materialidade dos corpos”, mas o que devemos destacar são os processos e as práticas discursivas que se relacionam com



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

os aspectos dos corpos e, dessa forma, se convertem em definidores de gênero e de sexualidade, e consequentemente, “acabam por se converter em definidores dos sujeitos”. “Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura” (LOURO, 2004, p. 75).

Outra questão relevante é também a confusão que se observa quanto à questão de Pabllo Vittar ser uma *drag queen*. Muitos comentários tecidos por usuários do *Instagram* e até mesmo pelos jornalistas em matérias e no próprio programa da Sônia Abrão, insinuam que Pabllo “é uma mulher” ou “quer ser uma mulher”, o que não é o caso. A *drag queen*, segundo Louro (2004, p. 85), habita essa zona da marginalidade tanto na categorização heteronormativa quanto na própria cena homossexual, pois ela habita a fronteira do gênero e da sexualidade e causa estranhamento por isso. A *drag queen* não quer ser ou parecer uma mulher, ela realiza uma “paródia de gênero”, exagera propositalmente os traços femininos, corporais, comportamentais culturalmente identificamos como femininos, ela imita ao mesmo tempo que “subverte o sujeito que copia”, ela “assume, explicitamente, que fabrica seu corpo; ela intervém, esconde, agrega, expõe. Deliberadamente, realiza todos esses atos não porque pretenda se fazer passar por uma mulher. Seu propósito não é esse; ela não quer ser confundida ou tomada por uma mulher” (LOURO, 2004, p. 85).

De uma forma geral, percebemos que a todo o momento, tanto nas matérias jornalísticas que falam da artista, no programa da Sônia Abrão quando em determinados momentos a jornalista ataca Pabllo Vittar com comentários de uma violência simbólica e deboche, depois diz “gosto muito dela”, “ela é uma figura importante”, “ela é maravilhosa”, “a bunda dela é linda”, quanto nos comentários dos usuários do *Instagram*, sempre uma representação que flutua entre as oposições binárias de representação, ora positivas, com a consagração de sua arte e de sua identidade LGBTQ, ora negativas, como representação monstruosa de tudo que é “imoral”, “promíscuo”, “contra a família”, contra a “honestidade”, “bizarro”. Hall faz uma importante reflexão a esse respeito:

É importante aceitar todas as posições ao mesmo tempo porque, como espero mostrar, é comum que as pessoas significativamente diferentes da maioria em algum aspecto – “eles” em vez de “nós” – fiquem expostas a esta forma binária de representação. Elas parecem ser representadas por meio de extremos acentuadamente opostos, polarizados e binários – bom/mau, civilizado/primitivo, feio/excessivamente atraente, repelente por ser diferente/cativante por ser estranho e exótico. E, muitas vezes, elas são obrigadas a ser as *duas coisas ao mesmo tempo!* (HALL, 2016, p. 145).



Temos que deixar claro que é muito importante que tenhamos a celebração da diversidade e sua representação de forma positiva na mídia, porém, é imprescindível lembrar que mesmo com as imagens positivas, o aspecto negativo não é necessariamente deslocado, como observamos. Para Hall, o problema dessa estratégia de “positivo/negativo” é justamente isso, já que “os binários não foram deslocados, o significado continua a ser enquadrado por eles. A estratégia desafia os binários – mas isso não os prejudica” (HALL, 2016, p. 218).

Ou seja, no caso de Pabllo Vittar, a própria estratégia de negar esses estereótipos, quando o mesmo coloca suas fotos em que aparece transitando entre o masculino e o feminino, faz com que o público realize questionamentos do tipo “onde estão os peitos”, “não vai colocar silicone”, “onde escondeu as bolas”, “pode ser gay, mas isso é uma aberração”, ou seja, apesar das diversas representações positivas de Pabllo Vittar, o estigma da identidade marginalizada da *drag queen*, do homem gay, da pessoa “sem gênero” ou com o gênero fluido, continua presente. Em uma imagem da cantora que celebre a diversidade, ao mesmo tempo ainda são feitos comentários preconceituosos, significações que remetem a esse estigma que, infelizmente, por mais que a “diferença” esteja sendo celebrada, dificilmente vão deixar de acompanhá-la.

Considerações Finais

Assim como anunciado por Bauman (1999), o discurso da diversidade e sua celebração prosperam porque estão inseridas dentro de uma lógica mercantil. Neste cenário a diversidade serve para uma pluralidade de ofertas do mercado, como uma “variedade de vidas negociáveis”, ou como uma possibilidade de identidades vendáveis. Hall (2016) estabelece um regime racializado de representação, mas aqui podemos abordar sobre um regime “generificado” de representação, ou regime heteronormativo de representação. No caso de Pabllo Vittar, percebemos um *boom* na disseminação e representação da sua imagem na mídia e não podemos deixar de mencionar um interesse mercadológico nessa diversidade que Vittar representa, o que muitas vezes o vende e o consome como um espetáculo da “diferença”. Mas, também percebe-se essa celebração da “diferença” na representação da *drag queen*, o que faz com que sua identidade seja complexificada, invertendo também as oposições binárias dos gêneros, e privilegiando, assim como Hall (2016) descreve, o negativo como forma positiva e expandindo a gama de representações de gênero, sexualidade, performatividade. Pabllo Vittar é um importante fenômeno artístico e midiático, mas sua relevância vai muito além de sua música e imagem, Pabllo serve como uma espécie de pedagogia da diversidade.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Porém, a disseminação de sua imagem também ativa o conservadorismo, que se sente ameaçado pelo o que ela representa, pois Pabllo representa a instabilidade, a fragmentação, o estar na fronteira, o que não é uma coisa, nem outra (LOURO, 2001, 2004), e os movimentos conservadores, principalmente mascarados por um discurso que se utiliza das instituições religiosas é (e quer), justamente, o oposto disso. De uma forma geral, a identidade e representação de Pabllo Vittar coloca em questionamento diversas “verdades” e posições fixas historicamente na sociedade, o perigo da “ascensão” dessa identidade está na perda desse equilíbrio, desse controle que vem através das posições fixas dos sujeitos, dos gêneros, que influencia até mesmo em um desequilíbrio das famílias tradicionais conservadoras, na criação dos filhos, na economia, na política e em diversas instâncias de “funcionamento da sociedade” (HALL, 2016, LOURO, 2001).

Me pergunto se a propagação mercadológica dessas identidades também colaborou para o foco para questões importantes como a violência, quando o Brasil é o país que mais mata LBGTQs no mundo: um a cada 25 horas ¹². Segundo Bauman (1999, p. 292) a “diversidade” e a “tolerância” promovida pelo mercado não nos leva para um caminho da solidariedade, pois ela “*fragmenta*, em vez de unir”. Esta “tolerância” naturalizada serve justamente para uma redução dos laços sociais a um “verniz superficial”, ou seja, ela só sobrevive “enquanto continua a ser vivida no mundo aéreo do jogo simbólico da representação e não transborda para o reino da coexistência diária graças ao expediente da segregação territorial e funcional” (BAUMAN, 1999, p. 292).

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcus Penchel, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

HALL, Stuart. **O espetáculo do outro**. In: HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio: Apicuri, 2016. Cap. 2 – p. 139- 246.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer** – uma política pós-identitária para a educação. Revista Estudos Feministas, ano 9, 2º semestre de 2001. p. 541 -553.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

¹² Informação disponível em: < <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-lgbts-no-mundo-1-cada-25-horas/>>. Acesso em: 5 mar. 2018.